

Prefácio

Walter Boechat

A ampla obra de C.G. Jung atravessa fases distintas nas quais o problema do feminino ou da mulher adquire tonalidades diferentes. O princípio feminino ocupa importantes espaços nas diversas fases da obra do criador da psicologia complexa. A presente coletânea de ensaios contempla desde uma importante reflexão sobre o feminino em *Tipos psicológicos* (1921) até uma abordagem tardia sobre a questão do gênero em sua obra *Aion* (1951).

No primeiro ensaio, *Culto à mulher e culto à alma* (1921), Jung elabora uma fascinante reflexão sobre o culto à mulher em um escrito do cristianismo primitivo, *O pastor de Hermas*, do ano 140 a.D. Nesse trabalho são analisadas visões do escravo Hermas, que se apaixona por sua senhora Rhoda, ao ajudá-la a sair de um banho no Rio Tibre. A mulher, aqui o receptáculo das projeções arquetípicas do eterno feminino, é o próprio cadinho de transformações culturais. Em caminhada a Cumes, local dos oráculos e das Sibilas, Hermas é acompanhado de visões. Primeiro aparece Rhoda, que o acusa de pecado, por tê-la desejado em seu coração, depois uma senhora idosa de manto escuro, que posteriormente Hermas entende ser uma personificação da própria mãe Igreja. Nessas visões pode-se perceber uma verdadeira transformação da libido, tanto em nível individual quanto coletivo, nesse momento cultural da maior importância para o desenvolvimento espiritual do Ocidente, a transição

do paganismo para o cristianismo. A *Senhora da Alma* funciona como símbolo de transformação da libido em nível individual, mas também simbolizando a grande transformação da libido no inconsciente cultural naquele momento particular no Ocidente pelo movimento de cristianização.

Jung faz ainda referência a obras fundamentais que prepararam o advento da Modernidade, nas quais o feminino se faz presente de forma definitiva: *A divina comédia*, de Dante Allighieri, e o *Fausto*, de Goethe. No primeiro caso, Beatriz é a representação mais pura e sublime do divino, guiando Dante até suas experiências mais sublimes; nesse caso, o feminino e a divindade se fundem na beleza transcendente. A experiência de Fausto com o feminino é semelhante e obedece a estágios bem-demarcados de uma iniciação: de Margarida a Helena, e desta à própria Mãe do Senhor.

Aqui a mulher aparece em sua força espiritual original, agindo no inconsciente como repositório ancestral das experiências do homem com o princípio feminino, princípio ao qual Jung deu o nome latino de *anima*.

Os capítulos seguintes da parte I, *O problema amoroso do estudante* (1924), *O casamento como relacionamento psíquico* (1925) e *A mulher na Europa* (1927) constituem um curioso contraponto ao primeiro ensaio, pois a mulher aqui é tomada em sua forma mais concreta, em sua sexualidade, em suas relações com o homem na cultura suíça e europeia de uma maneira geral. A sexualidade dos jovens estudantes europeus e o papel da mulher europeia numa cultura em transição aparecem aqui numa abordagem um tanto tradicional, principalmente se olhados pela perspectiva da enorme crise de gênero da cultura contemporânea, um momento no qual as identidades de gênero chegam mesmo a multiplicar-se. Mas se por momentos, como nesses últimos

ensaios, o Jung antes de chegar à maturidade dos 50 anos demonstra uma atitude mais conservadora, dentro do espírito da época, paradoxalmente ele forneceu à psicologia um instrumental revolucionário para pensar a crise contemporânea de comportamentos e identidades sexuais, com seus conceitos de *anima* e *animus*. A psicologia complexa de Jung enfatiza a bissexualidade inerente a todo ser humano, homens e mulheres, e essa perspectiva é fundamental para a compreensão psicológica da revolução sexual que se instaurou no Ocidente a partir dos anos de 1970, com todos os seus componentes sociais e econômicos.

Em *O casamento como relacionamento psíquico* Jung se dedica a desvelar as complicações derivadas do relacionamento de duas pessoas dentro do casamento. Apesar das inevitáveis influências do tempo e da cultura em que viveu as questões da *anima* e do *animus*, são contribuições importantes de Jung para o estudo daquilo que mais tarde ele iria chamar de *o quaternio do casamento*, as projeções cruzadas de *anima* e *animus* no relacionamento. Jung lança mão de um modelo de duas personalidades, uma mais complexa, outra mais simples, que se relacionam à maneira de dois objetos sólidos, o *continente* (personalidade complexa) e o *conteúdo* (personalidade simples). Desde essas tentativas iniciais de Jung de abordar a relação marital, o tema do casamento sofreu grandes transformações na cultura, e as diversas escolas de psicologia procuraram acompanhar essas transformações. Dentro da psicologia junguiana, a tipologia dos casais foi objeto de pesquisa. Alguns junguianos contemporâneos puderam desenvolver importantes articulações entre a teoria sistêmica de terapia de família da Escola de Palo Alto e a psicologia complexa de Jung para a abordagem da terapia de família e casal.

O escrito *A mulher na Europa* (1927) demonstra pelo seu título e época de publicação a forte influência histórica e cultural. A Europa vivia então o período entreguerras, ainda se recompondo do morticínio da Primeira Grande Guerra. Jung chama a atenção também que, quando se diz “mulher europeia”, a qual mulher se refere? A cultura da modernidade da época só poderia ser encontrada nos grandes centros; à medida que se entrasse em regiões rurais e afastadas, uma verdadeira mentalidade medieval seria encontrada, com problemas e crenças do passado. Na verdade, esse foi uma questão que Jung vivenciou em sua própria vida, quando viveu seus primeiros anos em regiões rurais da Suíça. Procurou enfatizar isso em sua autobiografia como fator importante em sua formação. Aqui também a mulher na Europa deve ser considerada sob certas condições onde vive.

Há uma frase de Jung que pode ser considerada profética em relação à eclosão do nazismo anos depois: “o que chamamos *presente* não passa de uma fina camada superficial que se cria nos grandes centros da humanidade. É muito fina, como no caso da antiga Rússia, e assim é irrelevante (como os acontecimentos mostraram)”. Essa fina camada (também muito presente na Alemanha de então – vide o ensaio do próprio Jung, *Wotan* (1933), ao se espessar é que cria condições para uma vida cultural consistente, com seus valores e problemas. É nessa cultura que para Jung se situava a típica mulher europeia de então. E nessa cultura de então a mulher vivia geralmente à sombra de um homem, fosse seu marido ou seu pai. Os papéis sexuais ainda bastante definidos, com as mulheres com pouco acesso ao mercado de trabalho. Nesse sentido, a racionalidade feminina, sua criatividade e o pioneirismo nas ciências e nas artes ainda estavam menos conhecidos. Jung aponta a presença das mulheres predominante como objeto de atenção, pre-

cursoras em psicopatologia, como a vidente de Prevost do século XVI ou Helène Smith, a famosa paciente-*medium* de Théodore Flournoy.

As conquistas da mulher a partir dos anos de 1970, com a revolução sexual e dos costumes, foi bastante intensa, e é nesse contexto que algumas colocações de Jung aqui devem ser tomadas em seu contexto da época, principalmente quando fala da questão da *anima* e do *animus*. A revolução social trazida pela descoberta da pílula anticoncepcional e o desenvolvimento de uma tecnologia de conservação de alimentos mudaram os hábitos femininos na economia doméstica. Os terapeutas contemporâneos podem mesmo observar uma flexibilização de papéis de gênero na clínica atual; homens e mulheres no casamento ocupando tarefas bastante intercambiáveis, de acordo com o momento e com a necessidade.

O texto *Anima e animus* faz parte do importante trabalho teórico de Jung *O Eu e o inconsciente* (1928) que, por sua vez, é um desdobramento de um texto original mais antigo: *L'estructure de l'inconscient* (1916). Este último texto foi produzido ainda durante a escrita de *O Livro Vermelho* e faz parte das primeiras tentativas de Jung de organizar de forma teórica coerente suas profundas vivências por ocasião de seu confronto com o inconsciente. A experiência original com a *anima* se dá pela primeira vez enquanto Jung organizava o *Livro Negro* número dois². Os conceitos de *anima* e *animus* são, portanto, fundamentais na sistematização das vivências subjetivas de Jung e do construto teórico da psicologia complexa.

2. Os chamados *Livros Negros* são cadernos de anotações preparatórios para a escrita final de *O Livro Vermelho*. A referência à descoberta da mulher interior durante a escrita desses livros e relatada por Shamdasani (2010).

Em suas formulações iniciais nesses trabalhos, Jung procurou definir psicologicamente que a fascinação que o mundo do feminino exerce sobre o homem tem origem em seu próprio inconsciente. Com o conceito de *anima* Jung conceituou as experiências típicas do homem com a mulher em todos os tempos, desde os primórdios da cultura, e que lhe são desconhecidas, misteriosas e fascinantes. Essas influências do princípio feminino são distintas de outras típicas, derivadas do princípio materno ao qual Jung descreveu como Arquétipo da Grande Mãe. À *anima* estão associadas uma série de virtudes, como sensibilidade, facilidade no relacionamento, inspiração e criatividade; também qualidades não tão desejáveis lhe são associadas, como estados de humor variáveis e depressão.

Da mesma forma, ao psiquismo feminino Jung conceitua um elemento arquetípico análogo, o *animus*. Essência espiritual, reflexão, guia para regiões de profundidade e maturidade psíquica, o *animus* também frequentemente adquire nessas formulações iniciais de Jung um caráter negativo, manifestando-se como opiniões pré-concebidas e julgamentos apressados e superficiais.

Nessas formulações Jung se apoia em sua perspectiva de compensação e totalidade psicológica. O homem, com seu predomínio de consciência masculina, terá o inconsciente com tonalidade feminina, a *anima*; inversamente, a mulher terá o inconsciente masculino, o *animus*. Dentro dessa perspectiva, os conceitos *anima e animus* sofreram naturalmente a influência da cultura da época com os papéis do homem e da mulher em geral, rigorosamente marcados.

Com as mudanças culturais que tiveram início na segunda metade do século XX, os papéis de gênero sofreram e estão sofrendo na sociedade contemporânea progressiva

transformação, as mulheres ocupando cada vez mais os postos no mercado de trabalho e de liderança, e as identidades de gênero tradicionais do homem e da mulher sofrem um verdadeiro processo de revolução.

A parte II deste livro é dedicada ao ensaio *Aspectos psicológicos do arquétipo materno*, cuja primeira versão é a do Encontro Cultural Eranos de 1939. Temos aqui a versão modificada de 1951. O estudo sobre esse importante tema é aqui retomado em nível de maior profundidade e sofisticação teórica, após as abordagens iniciais em *Transformações e símbolos da libido* (1911), quando o Arquétipo da Grande Mãe é abordado sobre um ponto de vista mitológico, dentro do mitologema da luta do herói contra o monstro materno, mitologema – símbolo da organização original da consciência. Agora Jung esclarece em detalhe o seu conceito fundamental de arquétipo antes de aprofundar o arquétipo específico da Grande Mãe. Discrimina a imagem primordial, o *urbild*, do arquétipo, uma estrutura vazia, uma *facultas prae formandi*, uma faculdade pré-formadora de imagens, ativada por situações dadas. O autor se estende também sobre as relações e influências do arquétipo materno sobre o complexo materno no homem e na mulher.

Tratando do arquétipo materno especificamente, Jung lembra suas inumeráveis formas: “a própria mãe e a avó, a madrasta e a sogra, uma mulher qualquer com a qual nos relacionamos, a ama de leite ou ama-seca, a antepassada e a mulher branca; no sentido da transferência mais elevada à deusa, principalmente a mãe de Deus, a Virgem; ...Sofia (enquanto mãe que é também a amada); ...a meta da nostalgia da salvação (Paraíso, Reino de Deus, Jerusalém celeste); em sentido mais amplo, a Igreja, a universidade, a cidade ou país, o céu, a terra, o mar e as águas quietas....” e muitos outros.

Os múltiplos símbolos da Grande Mãe falam de sua universalidade e de sua importância no estudo da personalidade individual. Esse é o ponto central desse trabalho, quando Jung enfatiza que considera a importância da mãe pessoal na etiologia das neuroses apenas relativa. Na própria questão do trauma, o evento concreto está sempre associado à fantasia – nisso Freud e Jung concordaram –, e na fantasia estão sempre presentes elementos arquetípicos, o arquétipo mãe, que interfere nas relações da criança com a mãe pessoal.

De forma bastante didática, Jung procura discriminar os efeitos do arquétipo materno no menino e na menina, atuando sob a forma de complexo materno.

Para o menino, Jung recorre ao mitologema dos deuses da antiga Frígia, a Grande Mãe Cibele e seu filho amante Atis. Este, ao se apaixonar por uma ninfa do Rio Sangarius, produz em Cibele uma reação violenta: leva seu filho à loucura, desorientação e autocastração. O mitologema expressa um complexo materno extremamente negativo, castração simbólica e impossibilidade de uma relação criativa com o mundo.

É claro que existem situações em que o complexo materno atua de forma positiva para o menino, especialmente em situações em que o pai é elemento mais negativo. Nesses casos, a mãe pode atuar como elemento protetor e facilitador da individuação.

O complexo materno na mulher é descrito de forma elaborada. Há várias formas que o complexo pode assumir: a hipertrofia do aspecto maternal, a exacerbação do eros, a identificação com a mãe e a defesa contra a mãe. A hipertrofia do aspecto maternal leva a uma exacerbação dos instintos femininos; em primeiro lugar, do instinto materno. A mulher se torna superprotetora em suas relações, muitas vezes de forma inadequada. O complexo materno na mu-

lher nem sempre leva a uma intensificação do materno, mas a uma exacerbação do eros, com uma relação incestuosa com o pai e mesmo uma erotização exagerada dos relacionamentos. Na identificação com a mãe, a mulher tem enorme dificuldade em ter contato com seus próprios valores e desejos, vivendo uma vida de repetição de valores e imagens introjetados da figura materna desde a infância. Há casos nos quais o complexo materno negativo na menina assume os traços de uma defesa contra a mãe. Tudo o que se refere à figura da mãe é evitado a todo custo. Essa resistência contra a mãe chega mesmo ao nível do arquétipo, enquanto *uterus*, lembra Jung, provocando distúrbios de gravidez, dificuldade em engravidar, hemorragias e vômitos. A rejeição à mãe enquanto *mater-ia* leva à dificuldade na manipulação das louças e ao mau gosto na escolha de roupas.

A parte III do presente volume se inicia com um ensaio de Jung publicado originalmente em 1941, *Aspectos psicológicos da Core*. O estudo fez parte de um volume em conjunto com o mitólogo húngaro Cároly Kerényi, que escreveu o ensaio *Core*. Kerényi, assim como Jung, foi presença carismática nos encontros culturais do Círculo de Eranos, e as tangências interdisciplinares da mitologia e psicologia foram exploradas com rara habilidade pelos dois sábios. A figura mitológica de Core (gr. “a jovem”) e sua deusa-mãe Demeter remetem aos Mistérios de Elêusis, ritual importante no mundo grego antigo, tendo perdurado desde o segundo milênio antes de Cristo até os inícios da Era Cristã, quando as tropas de Alarico destruíram o Templo de Elêusis. Central aos mistérios é o mito da deusa-mãe e sua filha, Core. Desde que Jung chamou a atenção para a grande importância psicológica desse mitologema, muito se tem escrito e debatido sobre ele entre analistas junguianos. É um mitologema eminentemente feminino, pois diz respeito ba-

sicamente à relação mãe-filha. O masculino aparece apenas secundariamente, ainda assim na figura de um deus raptor, o obscuro deus subterrâneo Hades ou Plutão, que abduz a inocente Core o para seu mundo subterrâneo.

A íntima relação de Demeter-Core diz respeito às relações psicológicas da mãe e da filha, como o mundo de uma se prolonga na outra. O momento de reencontro das duas deusas em Elêusis (o momento da *euresis*, a descoberta), quando Demeter descobre a filha, é representado na iconografia antiga como duas figuras quase iguais; é quando Demeter percebe que algo mudou em sua filha, que ela está diferente por algum detalhe. Essa diferença é, no mito, uma romã que a jovem Core provou no mundo de Hades. A simbiose original mãe-filha é interrompida pelo masculino nesse rapto tão necessário.

A Core, ou jovem divina, como a chamou Kerényi, sob o ponto de vista das imagens arquetípicas é considerada por Jung como sendo ou uma manifestação da personalidade supraordenada, um conteúdo no inconsciente feminino não ainda integrado pela consciência ou ainda uma figura de *anima* para o homem. Jung dá exemplo de três casos clínicos, duas mulheres e um homem, que apresentam ricas imagens de sonhos, fantasias e imaginação ativa, onde a figura de Core aparece, juntamente com figuras mitológicas do Velho Sábio, da Grande Mãe e figuras animais diversas. As ilustrações clínicas são ricas demonstrações da emergência espontânea do arquétipo da jovem divina no inconsciente do homem contemporâneo.

É curioso assinalar que após a publicação de *O Livro Vermelho*, obra que revela as experiências subjetivas de Jung, de grande carga simbólica dos anos de 1913 a 1917, algumas dessas imagens pessoais do autor podem ser identifica-

das nesse texto particular. As fantasias e imaginações ativas do “paciente Z”, como a de um pássaro que se transforma em jovem, a jovem fantasmagórica em cabana da floresta ou a jovem cega que busca cura e vive com um velho ancião em local profundo debaixo da terra, são facilmente identificáveis como personagens do *Liber Novus*.

Ainda na parte III encontra-se um texto tardio de Jung sobre a questão da *anima* e do *animus*, *Sizígia: a anima e o animus*, texto da obra *Aion* (1951). Aqui a *anima* adquire dimensões mais amplas, sendo vista como um fator determinante de projeções, uma tecedora de ilusões à maneira da deusa oriental *maia*, a dançarina geradora de ilusões. Jung recorre a diversas imagens da religião e da literatura, como a Baubo ctônica, simultaneamente idosa e jovem, Demeter e Perséfone, ou da literatura, como a “Senhora da alma”, como se referiu o escritor suíço Carl Spitteler.

A identificação da *anima* com a alma a liberta de certa forma das amarras culturais dos papéis sexuais estereotipados. Mas outros autores posteriores a Jung continuaram o trabalho de elaboração desse rico material psicológico sobre a questão do gênero, procurando uma perspectiva para as noções de *anima* e *animus* adaptada aos tempos atuais. James Hillman talvez tenha sido o mais incisivo autor nesse quesito. Seu trabalho de 1985 *Anima, anatomia de uma noção personificada*, procura contextualizar as dificuldades conceituais da *anima*, elaborando em torno das noções normalmente associadas à *anima*, como contrassexualidade, feminino, princípio do eros, função psicológica do sentimento, o feminino, a psique em si.

Estão reunidos neste volume, portanto, escritos bastante relevantes de Jung sobre a temática do feminino. Diversos desses ensaios guardam a influência do tempo e da cultura

nos quais foram escritos e têm um tom mais conservador. É paradoxal, entretanto, que alguns conceitos de Jung, como o de *anima* e *animus*, sизígia, androginia psíquica, *coniunctio*, se tomados numa perspectiva mais aprofundada, como diversos junguianos contemporâneos vêm fazendo, tornam-se instrumentos interessantes para a abordagem da intensa crise de gênero da cultura contemporânea. A perspectiva de que a androginia original é um símbolo importante do *self* e de que a alquimia do *coniunctio*, ou da conjunção dos opostos, é uma meta do processo de individuação, traz uma perspectiva muito atual para se perceber e mesmo procurar uma integração possível para a atual crise de gênero.